



ÉPOCA

Eugênio Bucci



A ética banguela da propaganda eleitoral

Trocar voto por dentadura nem nos choca. As eleições não são ideológicas, são odontológicas

EUGÊNIO BUCCI

18/09/2014 09h34 - Atualizado em 18/09/2014 09h39

A troca de voto por dentadura é uma instituição nacional. As eleições por aqui não primam por ser ideológicas. São odontológicas, isto sim. O maior cabo eleitoral do Brasil é o boticão.

Tem sido sempre assim, em toda parte desta terra. Tanto que, quando o repórter João Pedro Pitombo, da *Folha de S.Paulo*, descobriu que uma trabalhadora rural do sertão da Bahia, Marinalva Gomes Filha, ganhara dentes novinhos um dia antes de gravar uma participação na propaganda política de Dilma Rousseff na TV, muita gente levou um susto danado. Seria possível? Será que até a presidente da República entraria na odontobandalheira e autorizaria alguém a trocar declaração de apoio político por prótese dentária? Até ela?

Para alívio geral da nação, parece que não foi bem isso o que aconteceu. De acordo com as justificativas oficiais, o que houve foi apenas uma infeliz coincidência de datas: num dia, Dona Nalvinha, como é chamada, obteve o benefício dental a que já tinha direito; no dia seguinte, virou estrela no palanque eletrônico do PT. Uma coincidência que, convenhamos, veio muito a calhar para embelezar o sorriso que enfeitou o programa da presidente-candidata. Se “a cavalo dado, não se olham os dentes”, a dentes dados, não se negam as câmeras.

Que pegou mal, pegou. Quando soube da trapalhada, a própria Dilma não escondeu a irritação. Fiel a seu estilo, foi dura. Qualificou a história de “lamentável”, de “erro”, não por terem dado dentes a sua apoiadora, mas por terem demorado demais a entregá-los. Se não demorassem tanto, o intervalo entre as duas datas seria grande o suficiente para que ninguém ligasse uma com outra. Com suas declarações bem amalgamadas, Dilma tentou obturar o desconforto.

Não obturou. O maior problema ético do triste episódio não está nos métodos mal explicados, que mesclam arcadas dentárias e campanha política a favor do governo. O problema real está no consultório do dentista. A grande chaga não está nessas estranhas

políticas públicas dos protéticos eleitores. Está, sim, na falta de cerimônia com que os políticos usam e abusam de gente humilde, necessitada e desprotegida para fazer propaganda de si mesmos. Com ou sem dentadura.

Nesse ponto, sejamos justos, Dilma não está sozinha. Quase todos os partidos se fartam de declarações pungentes de eleitores pobres, jurando que a vida mudou porque aquele candidato (ou candidata) os ajudou. Gastam fortunas e mais fortunas para criar efeitos especiais hollywoodianos no horário eleitoral tupiniquim. Não têm o menor escrúpulo na hora de aproveitar o drama humano dos que passam o mês inteiro contando centavos. Se cuidar dos cidadãos é dever do Estado, como repetem todos os que estão no poder, de Dilma Rousseff a Geraldo Alckmin, por que gastam tanto para transformar os padecimentos do povo em novelas apelativas para comover o eleitor? Esses candidatos não têm respeito pelas dificuldades alheias? Não têm vergonha de fazer do sofrimento humano um circo de lamentações para provocar piedade no telespectador?

O marketing dos molares, pré-molares e caninos, o marketing político que se farta da miséria para promover a demagogia não tem limites nem pruridos. A ele não falta dinheiro. Todo mundo que trabalha na propaganda partidária recebe polpudos pagamentos. Os cinegrafistas, os iluminadores, os maquiadores, todo mundo. Os marqueteiros-chefes faturam dezenas de milhões. Sem favor. O trabalho deles ajuda a encher de votos as urnas de quem os paga.

No meio desse jogo bilionário, qual o valor de uma dentadura postiça? Nenhum. Quanto ganhou Dona Nalvinha por sua participação especial no épico de feições bíblicas que Dilma protagoniza na TV? Uns dentes? Ora, por favor. Não ganhou um tostão. Trabalhou de graça. Foi explorada até a alma, até o fundo de sua identidade. Foi explorada em sua fé, em suas mais puras esperanças. Emprestou seu rosto, seu nome e sua alegria para a presidente posar de santa benfeitora.

Haja cinismo. Muitos dos “militantes iluminados” que avalizam esse lacrimoso realismo socialista barato para iludir o eleitorado vivem atacando os programas sensacionalistas da TV brasileira. Dizem que o sensacionalismo tira proveito da desgraça dos “oprimidos” e atenta contra a dignidade humana de todos os que se deixam capturar pelas câmeras. Pois esses mesmos “militantes”, quando dispõem de um poderzinho de poucos minutos no horário eleitoral, patrocinam programas ainda mais torpes, mais imundos e mais repulsivos. Não, o problema não é a dentadura.